



E a existência torna-se uma imensa certeza

And the existence becomes huge certainty

Eugenio Borgna
Università di Milano
Itália

Resumo

O presente ensaio apresenta uma fenomenologia da existência delineada a partir da leitura de Luigi Giussani em que os temas fundamentais são: a vida da palavra, a necessidade da esperança para a vida humana, a possibilidade e a necessidade de certeza para o enfrentamento da inevitável experiência de sofrimento e limite (na psicopatologia como em toda vida pessoal e social), o lugar da experiência religiosa para a constituição de tal certeza, o tipo de escuta da palavra que a certeza fundamental possibilita. Aponta características do trabalho de elaboração de tal experiência: desafia as circunstâncias, valoriza o instante presente. Conclui sobre o lugar imprescindível da experiência de dor para a constituição de sentido.

Palavras-chave: fenomenologia; Luigi Giussani

Abstract

This paper presents a phenomenology of existence outlined from the reading of Luigi Giussani in which the fundamental themes are: the life of the word, the need of hope for human life, the possibility and need for certainty to face the inevitable experience of suffering and limit (in psychopathology as well as in all personal and social life), the place of religious experience for the establishment of such certainty, the kind of listening to the word that the fundamental certainty enables. It points features of the work of preparation of this experience: challenging circumstances, valuing the present moment. It concludes about the indispensable place of the pain experience for the constitution of meaning.

Keywords: phenomenology; Luigi Giussani

Uma extraordinária fenomenologia da existência¹ se delinea a partir do que há de indizível em uma presença em que reflexão e meditação, atenção e escuta, participação e gentileza, firmeza e doçura, se entrecruzam luminosa e misteriosamente. É a experiência que fiz – encantado e comovido – na leitura do livro de Giussani (2011) intitulado *Ciò che abbiamo di più caro* (O que temos de mais caro).

Não poderei esquecer os olhos e o olhar dele [Há olhos que vão ao fundo das coisas – disse Paul Celan (Cf. Celan, 2010)], nem suas palavras que ressoavam com todo fulgor e paixão: fazem parte, para sempre, de meu coração e de minha memória. As palavras são criaturas vivas, são pessoas, e as imagens, as metáforas nunca me pareceram tão palpitantes de vida como ao ouvir e ler Giussani.

O que ele escreveu sobre isso?

¹ Artigo traduzido por Miguel Mahfoud do original inédito em italiano.



Palavra! Palavra: até seu nome é uma palavra; mas que palavra! Uma palavra que contém tudo o que você é e que cairia como um trapo inútil se não tivesse essa referência. Creio que na vida devemos escolher entre o imenso monte de trapos de palavras que é o vocabulário comum e a familiaridade profunda da palavra com o ser, com o real, pela qual a palavra é algo, é uma coisa, pela qual a palavra é uma pessoa. (Giussani, 2011, p. 172)

Sendo criaturas vivas, sendo pessoas, as palavras podem ser garças que alçam vôo em direção ao céu ou pedras que nos fazem sofrer. E quanta atenção, quanto cuidado é necessário ter para com as palavras que pronunciamos todos os dias. Precisamos de palavras que nasçam do coração, respeitem a liberdade e a discrição, o silêncio e o pudor; precisamos de palavras gentis e abertas à esperança, de palavras que vençam as geleiras da indiferença e do descuido, precisamos de palavras que nos aproximem do infinito. E destas palavras que são estrelas da manhã vencendo as sombras da noite fazendo pressentir a aurora, Giussani foi e continua a ser uma maravilhosa testemunha. São palavras que deveriam nunca morrer; e não morrerão, em nós.

Palavras que fluem do coração nos fazem pensar na existência. A existência que só quando se torna uma imensa certeza – imergindo-nos no mistério agostiniano do tempo e no mistério do infinito que está em nós – consegue realizar profundamente seus horizontes de sentido, suas possibilidades, suas esperas e esperanças, e consegue encontrar um sentido até na dor, na angústia, no desespero e na solidão.

Em 2002, Giussani (2002) disse coisas esplêndidas sobre esperança; sobre aquela esperança que nunca se identifica com as esperanças quotidianas, frágeis e precárias, intermitentes e por vezes dolorosas. A esperança é a única estação em que o grande trem do eterno se detém por um instante. Sem esperança não há possibilidade de vida: a vida do ser humano é a esperança. E a esperança convidava os olhos a olharem.

Assim como não é possível viver uma vida sem esperança, nem mesmo é possível viver uma vida sem certeza, sem uma imensa certeza que a sustente. Nossa vida, nossa existência é radicalmente diferente se for ancorada às grandes certezas que não morrem ou, ao invés, às certezas dos nossos dias que se apresentam sempre mais frágeis e inconsistentes. As existências fundamentadas em comuns e quotidianas certezas – as das ciências e da filosofia, da economia e da política, tão problemáticas e conflituosas – passageiras como o orvalho, são existências precárias e instáveis: devoradas pela insegurança e pela incapacidade de amar, pela sensação do *non sense* da vida e pelo fascínio (que renasce sempre) para com a morte voluntária ou para com suas expressões simbólicas como a anorexia e toxicomania.

Há, como na psiquiatria, certezas arriscadas e perigosas: como as que, em anos distantes, movidas por teses radicalmente infundadas e desumanas (ainda hoje não canceladas) chegaram a negar valor e significado ao sofrimento: ao sofrimento em geral e particularmente ao sofrimento psíquico: falando de vidas não dignas de serem vividas, foram conduzidas a Auschwitz. A palavra, sim, a solitária, indefesa e temerária palavra do bispo de



Münster (Alemanha), Dom Clemens August von Galen, conseguia deter o Holocausto. É muito conhecido o dos hebreus, mas houve também o holocausto de pacientes psiquiátricos sobre quem ele comentava: estamos lidando com homens, com nossos semelhantes, com nossos irmãos e irmãs. Homens indefesos, doentes; homens improdutivos, segundo o juízo de alguns. Mas com isso perderam o direito à vida? (Cf. Pauleikhoff, 1986). Existências não mais dignas de serem vividas aos olhos das certezas neurobiológicas da ciência; ao invés, salvaguardadas e recuperadas em seu valor infinito quando nossos olhos se abrem ao mistério da dor e do significado da dor. Como Giussani (2011) reitera drasticamente.

Quais são as imensas certezas sem as quais não é possível viver? A certeza da fé e da esperança: a certeza que remete a outro, aos abismos insondáveis do coração. A certeza que – aliando-se às razões do coração e então reconhecendo seus próprios limites – possibilita que a razão dê um sentido à vida. A certeza de que a experiência indizível do mistério faz parte da condição humana, e que sem a percepção do mistério somos náufragos à deriva na vã busca de algo que ajude a viver e dê um sentido à dor, à angústia mortal. A certeza de que não há realização pessoal (dotada de sentido) sem capacidade de doação, de reciprocidade. A certeza de que o destino – um destino nutrido de graça e de escuta, de amizade e de amor, de gentileza e sacrifício – acompanha, como amigo fiel, cada humana existência que se reconheça chamada a responder ao grito silencioso do infinito e da graça, no dizer de Simone Weil (1940-2/2002).

A certeza, uma imensa certeza à qual ancorar nossa existência só pode fluir da resposta que o *starets* João dá ao imperador no conto de Vladimir Soloviev (1900/1951): “o que temos de mais caro no cristianismo é o próprio Cristo” (p. 106). Esta resposta nos consente compreender o que seja a vida e como ela seja dotada de sentido: quando tem como seu fundamento uma imensa certeza.

Quando a certeza habita em nosso coração – ardente por uma palavra e por um testemunho deslumbrante (como os de Giussani), por uma grande esperança e por uma entusiasmante e inenarrável fidelidade aos ideais de uma fé encarnada na história –, então a existência não permanece fechada nos limites do egoísmo mas abre-se aos outros: à dor e à alegria, à inquietude e às esperanças deles.

Numa existência ancorada a uma certeza imensa, cada um de nós é chamado a escutar a palavra que não passa e a colher em cada fato, em cada circunstância, em cada descoberta a luz, o significado do Acontecimento que mudou de uma vez por todas o sentido da nossa vida.

Mesmo que tenhamos os olhos irrigados de lágrimas pela dor... Mas somente na dor o olho se torna olho que vê; só pelas lágrimas que choram as lágrimas do mundo é-nós possível entrever e apreender os ilimitados horizontes da existência. Só assim é-nos possível reconhecer na nossa vida o instante (a circunstância) em que o grande trem do eterno se detém. (Imagem e metáfora de uma forte imaginação criativa que acompanha e plasma os discursos de Giussani).



O que Giussani (2011) diz a respeito do instante – esta partícula de presente agostiniano em que vivemos – é de radical importância:

A luta [desafiar as circunstâncias nas modalidades de relacionamentos com o outro ou Outro] se dá exatamente no *hic et nunc* presente, no modo com que trato o livro que devo estudar, no modo com que decido utilizar esta hora que não posso desperdiçar porque farei provas, no modo com que entro em casa e cumprimento as pessoas, no modo com que entro na universidade e saúdo ou não saúdo certas pessoas, no modo com que julgo a postura que impera na cátedra ou entre os colegas de classe, na sensibilidade com que percebo minha necessidade e a da coletividade, no modo como respondo – ou procuro responder –, no modo como abraço o que eu posso abraçar para responder (p. 217).

E as palavras se tornam ainda mais radicais e cortantes:

Desafiar as circunstâncias é desafiar o tempo e o espaço naquela intersecção que forma o momento. O cristianismo – quantas vezes o dissemos – é a adoração do instante. A moralidade cristã pode ser reconduzida a isto: adorar o Infinito no instante. Por isso, uma paixão pelo instante, uma paixão inteligente, afetiva, ativa, mobilizadora (p. 217).

Giussani (2011) nos ajuda a refletir sobre experiências que não podem ser evitadas; ajuda-nos a compreender *como* uma existência transfigurada pela fé e pela esperança no Senhor, uma existência fundamentada sobre essa certeza – imensa certeza na medida em que ultrapassa qualquer outra humana certeza – possa lidar com a dor e com o mal, também com o sofrimento psíquico ou a loucura.

A dor é ineliminável da vida; e somente quando a vida está imersa nos horizontes da fé e da esperança – acompanhada por esta imensa certeza –, a dor encontra um sentido. A dor desaparece, mas a recordação da dor não: fica radicada no coração e na memória. Também sobre isso as palavras de Giussani (2011) descem ao nosso coração pela trilha dos pensamentos e das emoções, testemunhando sua inenarrável capacidade de reviver em seu coração o mar de dor e de angústia que estão presentes na vida, e que somente na imersão no infinito – que está em nós – a certeza da fé e da esperança no Senhor encontrar seus horizontes de sentido:

É com grande emoção que, depois de tantos meses ou até anos, talvez, ouço alguém falar de uma grande dor que marcou a própria vida. É como se ferisse naquele mesmo instante. Há uma permanência da dor, da grande dor. E se você ama uma pessoa, a questão se multiplica. Se você ama muito, se você é aberto humanamente, a questão se multiplica ainda mais, porque a dor do outro é também sua. É inconcebível que percamos a presença provocadora da dor, de uma dor súbita, de uma dor vivida, de uma dor provada, de uma experiência de dor. Não é concebível que esqueçamos a dor do amigo (p. 183).

O que dizer, o que fazer, que resposta dar à pergunta sobre o sentido da dor?



Quando li sua carta, depois de tantos e tantos meses daquele fato, teria sido impossível sustentar a questão (não sem a idéia de Cristo mas) sem Cristo aqui e agora para mim; teria sido impossível sustentar o relacionamento com você. Mas para você teria sido impossível sustentar o relacionamento consigo mesma (p. 183).

O mal é ainda pior que a dor.

O mal, esta lâmina de humilhação que penetra em você separando músculo de músculo, separando osso de osso, que penetra em você entre uma célula e outra; esta fina lâmina de humilhação sem fim – sem fim no sentido que você acaba, acabaria (acabaríamos como na dor, acabaríamos como na morte, que é a dor por excelência) se não houvesse Cristo (p. 184).

Ao dizê-lo, Giussani (2011) recordou uma conversa num trem com alguns cientistas que lhe falavam de um futuro – determinado geneticamente – capaz de criar uma condição universal de felicidade cancelando toda dor. Eis a sua resposta: “Mas até quando existir um homem não-feliz, os homens poderão ser felizes somente esquecendo-se dele; e isso não é mais humanidade, teria acabado o humano. Teria piorado”. E ainda: “Suponhamos que vocês consigam criar a felicidade para todos, uma felicidade absoluta para todos: esta felicidade terá um preço. Qual? Aqueles que vieram antes. E a pessoa poderá ser feliz somente a custas de esquecimento” (p. 186).

São palavras que colhem a realidade de uma pesquisa científica orientada a negar o significado inalienável de valores como os da transcendência e da liberdade, da interioridade e da autonomia, da fragilidade que faz parte das condições humanas.

A loucura:

Não nos scandalizemos pela loucura que está em nós – qualquer seja o grau com que ela nos atinja. A consciência dela, que é geral, (...) é como a de uma mãe de uma criança mal-formada de quem cuidar ao longo de toda a vida: que piedade [compaixão], que pena! Mas o homem é assim. E isso não deve nos scandalizar; que a inocência da manhã deva sofrer fadigas, deva ser objeto de um trabalho fatigante, não deve nos scandalizar (p. 288).

São palavras que recuperam profundamente a exigência de encontrar em nós a dimensão humana e pessoal da loucura.

“Ainda que estivéssemos obscurecidos pelo cansaço e pela confusão, por uma fixação obstinada ou rebelião, não existe nada que tenha o conteúdo de valor que a oração tem: a vinculação com o Mistério que faz as coisas” (p. 318). E ainda: “Oração é pedido, pedido do Ser, pedido que a fonte das coisas nos penetre, nos invada (...) sustentando o pensamento e sustentando o coração” (p. 319).

Esta não é distante da experiência de oração que Teresa de Lisieux testemunha:



Para mim, a oração é um ímpeto do coração, é um simples olhar lançado em direção ao céu, é um grito de reconhecimento e de amor em meio à provação como em meio à alegria; é algo grande, sobrenatural, que dilata minha alma. (Teresa di Gesù Bambino, 1897/2007, pp. 256-7).

O presente artigo nasceu da recordação incancelável do encontro que tive, no verão de 1988², com Giussani: mestre incomparável do renascimento interior e das marcas indelévels do infinito e do mistério que se escondem em cada existência.

Referências

- Celan, P. (2010). *Microliti* (D. Borso, Trad.; B. Wiedemann & B. Badiou, Eds. versão crítica alemã). Rovereto, Italia: Zandonai. (Original publicado em 2005).
- Giussani, L. (2002, setembro). Fontana vivace. *Tracce*, 8. Recuperado em 08 setembro, 2011, de http://www.tracce.it/default.asp?id=266&id2=212&id_n=5845
- Giussani, L. (2011). *Ciò che abbiamo di più caro (1988-1989)*. Milano: Rizzoli.
- Pauleikhoff, B. (1986). *Ideologie und mord*. Hurtgenwald: Pressler.
- Teresa di Gesù Bambino, S. (2007). *Storia di un'anima (7a ed.)*. (G. Papasogli, Trad.). Roma: Città Nuova. (Originals de 1897, publicação póstuma em 1898).
- Soloviev, V. (1951). *L'avvento dell'anticristo* (A. Asnaghi, Trad.) Milano: Vita e Pensiero. (Original publicado em 1900).
- Weil, S. (2002). *L'ombra e la grazia* (F. Fortini, Trad.) Milano: Bompiani. (Originals de 1940-42, publicação póstuma em 1948).

Nota sobre o autor

Eugenio Borgna é "primario emerito di psichiatria" do Ospedale Maggiore di Novara e livre docente em Clínica dos distúrbios nervosos e mentais da Università Statale di Milano, na Itália. Trabalha com psiquiatria clínica fenomenológica, psicopatologia geral e específica, fármaco-psiquiatria e psiquiatria comunitária, além de epistemologia e metodologia em psiquiátrica a partir de sua experiência clínica universitária e hospitalar. E-mail: eugeniborgna@tiscali.it

Data de recebimento: 05/10/2011

Data de aceite: 08/11/2012

² Também Giussani se refere a este encontro com Borgna como um momento marcante. (Cf. Giussani, 2011, p. 286 e seguintes). [Nota do tradutor].